



Rádio Livre: a tentativa de dar voz ao trabalhador¹

Geimison MAIA²

Narjara ROCHA³

Andréa PINHEIRO⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Esse trabalho apresenta e analisa o programa Rádio Livre, veiculado pela Rádio Universitária FM 107,9 (Fortaleza, Ceará), de segunda à sexta-feira, das 7h00 às 7h30. O programa aborda o mundo dos trabalhadores e dos sindicatos, numa tentativa de fazer um contraponto à mídia tradicional. A metodologia utilizada consistiu em ouvir o programa durante quatro dias, de 26/05/2009 à 29/05/2009. A intenção durante este período foi analisar o formato, a linguagem e a proposta do Rádio Livre. A história do programa e as alterações que sofre ao longo do tempo também são destacadas.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Sindical; Radiojornalismo; Trabalhadores; Movimentos Sociais; Rádio educativo-cultural.

1. Introdução

É inegável que os meios de comunicação tenham um papel social. Eles atingem seres humanos de diversas formas. A maneira através da qual é exercido esse papel é questionada. Benefícios e malefícios podem ser contabilizados. Obviamente, a maior parte da sociedade seria beneficiada se essa função fosse desempenhada de maneira mais honesta do que se percebe. A grande mídia ainda deixa muito a desejar. Como afirma Zuculoto (2004), as chamadas mídias tradicionais, entre elas o já secular rádio, permanecem devendo à humanidade, o uso do espaço e o cumprimento do importante papel social que deveriam desempenhar. Ao contrário do que é realizada, a Radiodifusão brasileira nasceu com nobres propósitos.

(...) torna-se evidente o papel do rádio naquela que podemos considerar a sua primeira fase no Brasil: um meio de comunicação voltado principalmente para a transmissão de educação e cultura. Em razão da pré-determinação consensual

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

²Estudante de Graduação. 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: geimison_maia@hotmail.com

³Estudante de Graduação. 6º semestre do Curso de Jornalismo da UFC, email: narjara.pr@gmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora da Universidade Federal do Ceará, email: andrea@virtual.ufc.br



quanto à vocação do veículo, uma parte das emissoras brasileiras evoluiu nessa direção também durante as décadas seguintes à de 1920, quando a tendência para o rádio comercial começa a ascender no país”(MOREIRA, 1991, p. 116-117).

As rádios educativas deveriam ser uma exceção desse não cumprimento da função social dos meios de comunicação. Como explica Zuculoto (2004), este segmento da radiodifusão é categorizado como rádio “público”, ou “educativo-cultural”, ou “universitário”, ou simplesmente rádio “não-comercial”. No entanto, a autora ressalta que “as rádios com concessão de canal educativo-cultural, as não-comerciais, vamos encontrar estas funcionando e desenvolvendo suas programações sob os mesmos impactos e seguindo o mesmo grande modelo de comunicação das demais.”

Foi nesse sentido, buscando uma exceção à regra do radiojornalismo essencialmente comercial que selecionamos o Rádio Livre como objeto de estudo. O Rádio Livre é produzido pela Rádio Extra⁵ e veiculado pela Rádio Universitária FM 107,9 da Universidade Federal do Ceará, portanto inserida na categoria educativa. O programa tem produção da jornalista Lúcia Helena Pierre e apresentação (e também produção) do radialista Nonato Lima⁶. O Rádio Livre é feito para o movimento sindical, inclusive com a participação do mesmo, e para outros setores da sociedade considerados esquecidos pela mídia tradicional.

O estudo começa pelo o histórico do programa, considerado essencial para o entendimento de sua dinâmica e da sua significação nos dias atuais. Logo após, detalhamos o seu formato, resgatando detalhes dos anos anteriores que contribuíram para o resultado final. A linguagem, característica singular do apresentador que marca o programa, também é parte do estudo. O trabalho tem um recorte temporal que vai de 26/05/2009 à 29/05/2009.

O presente trabalho foi desenvolvido durante a disciplina de Radiojornalismo II, do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, ministrada pela professora Andréa Pinheiro. Procuramos verificar e discutir através deste artigo a possibilidade de se fazer um jornalismo que não é cínico, julgando-se imparcial, mas sincero, que diz ao cidadão o seu porquê de existir. Ao mesmo tempo é investigada de uma maneira crítica a existência ou não de uma função do rádio diferente do rádio comercial que visa interesses de minorias e esquece o que é essencial no ato de comunicar: dar voz e

⁵Produtora de programas de rádio voltados ao movimento sindical e popular com atuação em Fortaleza desde 1991

⁶Jornalista, Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2002), professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará e atualmente exerce a função de Diretor da Rádio Universitária FM.



informar a toda sociedade. É intenção também apresentar o artigo à Rádio Universitária e à equipe de produção de programa para que tenham o registro e subsídios para uma possível análise.

2. A criação do Rádio Livre

É impossível desvincular o Rádio Livre da história da Rádio Extra e sua ideologia. O Rádio Livre foi criado nesse contexto. A Rádio Extra é uma produtora, resultante da articulação de um grupo formado por estudantes e profissionais de comunicação que se identificavam com as causas dos movimentos sociais. Também não se pode negar a relação do Rádio Livre com outro programa da Rádio Extra: o Rádio Bancários, criado em 1993.

Depois de criado o Rádio Bancários (programa ainda hoje transmitido dedicado ao movimento dos bancários e seu sindicato), percebeu-se que havia espaço para outros produtos jornalísticos da mesma linha, mas com maior abrangência, algo que unisse os sindicatos. Isso foi detectado através de pesquisas lideradas pela professora Márcia Vidal⁷. Assim, passou-se a discutir um projeto neste sentido dentro da Central Única dos Trabalhadores - CUT e em 1995 foi transmitido pela primeira vez o Rádio Livre.

Inicialmente, o programa era transmitido na Rádio Metropolitana. Porém, em pouco tempo, ainda em 1995, ele começaria a ser transmitido pela própria Rádio Extra. A estrutura do Rádio Livre mudou ao longo do tempo e os fatores econômicos foram os que mais contribuíram para isso. Na fase inicial do Plano Real, como conta o apresentador do programa Nonato Lima, vários sindicatos sofreram perdas e, por isso, o programa teve que fazer vários cortes de despesas, já que essas representações contribuíam e contribuem ainda hoje para manutenção do programa. Um exemplo foi a ausência de repórteres que passou a ser adotada depois destas dificuldades.

Os sindicatos que contribuem atualmente com o programa são: Sindicato dos Servidores Públicos Federais – SINTSEF/CE; Sindicato dos Previdenciários do Ceará – Sinprece; Sindicato dos Comerciários do Ceará; Unidade Estadual da Central Única dos Trabalhadores – CUT; Sindicato das Empresas de Asseio e Conservação – Seaconce e Sindicato do Petroleiros – Sindpetro. Os primeiros apresentadores do Rádio Livre foram

⁷Possui graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1983), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1991) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Ceará. , atuando principalmente nos seguintes temas: eleições, cidadania, movimentos sociais, rádio, mídia e marketing.



Fernando Dantas; em seguida, Fábio Queiroz e depois Júlio César. Com a reestruturação citada acima, Nonato Lima, antes produtor e comentarista, assumiu também a função de apresentador.

Um das características notórias do programa que sempre o acompanhou é a presença da opinião. O Rádio Livre é um programa noticioso e bastante opinativo. Nonato⁸ admite que imparcialidade não existe e sendo assim considera que as pessoas devem assumir posições ideológicas, inclusive no jornalismo. No caso do programa aqui analisado a identificação é com as causas sociais, referentes aos sindicatos, associação de moradores, movimentos sociais e Organizações Não Governamentais. A intenção é dar voz aos setores que, geralmente, não têm espaço na mídia tradicional.

3. Comunicação sindical

Muitos são os desafios para se realizar a comunicação sindical. O maior deles é que você está levando as idéias do sindicato não só para pessoas que conhecem o dia-a-dia do sindicalismo. Ao contrário, a comunicação sindical é uma oportunidade ímpar para dialogar, apresentar idéias, para as pessoas que não fazem parte do sindicato, por diferentes razões. É preciso saber dialogar com elas. Para isso, é necessário conhecê-las.

E quem são os trabalhadores que a comunicação sindical tem de atingir? Não existe um perfil único, cada sindicato tem que descobrir as características de sua classe. Um boletim, jornal ou programa radiofônico do sindicato dos metalúrgicos é diferente do sindicato dos médicos. O do sindicato das faxineiras é diferente de uma publicação do sindicato da construção civil.

E no caso do Rádio Livre, que reúne vários sindicatos e tem a pretensão de abranger um público maior, qual o perfil do seu ouvinte? Na verdade, a questão volta ao mesmo ponto, porque se trata de vários perfis. Pessoas com diferentes níveis de escolaridade podem ser atingidos, por exemplo. Também diferentes classes sociais, diferentes salários etc. O único ponto em comum é que são trabalhadores, que muitas vezes precisam conhecer seus direitos e aprender a lutar por eles. “O objetivo da comunicação sindical é palpável, concreto. Está intimamente ligada à ação. A ação que o sindicato vai desenvolver” (SANTIAGO & GIANNOTTI, 1997, p. 41).

⁸Entrevista concedida no dia 16/06/2009



Iniciar esse diálogo com o trabalhador e mostrar a sua real situação não é algo fácil. É preciso ter calma. Não adianta querer apresentar todas as injustiças, explorações e mazelas do mundo de uma só vez.

A sociedade na qual vivemos, através de todos os instrumentos ideológicos que ela possui, constrói um capacete de aço duríssimo sobre a cabeça das pessoas. Desde o berço à escola, passando por toda a parafernália da mídia, do rádio à televisão, é criada uma camada de idéias e valores, ou seja, uma ideologia, acima das cabeças” (SANTIAGO & GIANNOTTI, 1997, p. 84).

Não se pode esquecer que a notícia tem de ser tratada com qualidade e deve ter uma linguagem simples (não se deve confundir simples com vulgar ou inferior). Aliás, se não for feito um trabalho sério, provavelmente não trará bons resultados. As pessoas estão acostumadas com um jornalismo de qualidade em termos estéticos: televisões, rádios e jornais no Brasil sabem trabalhar bem a notícia. Já o conteúdo é outro assunto. O jornal, o site ou um programa de rádio sindical tem de ser bom de ler, ouvir ou assistir. Tem que ser agradável. Aí sim, entra-se com o diferencial que é transformar as mentes dos trabalhadores. Mostrar que ele deve lutar pela melhoria das suas condições de trabalho, de salário etc.

4. Formato

É muito difícil classificar o Rádio Livre. Ele fica numa fronteira entre radiojornal e rádio revista. O apresentador do programa, Nonato Lima, considera o programa uma revista radiofônica “por conter notícias, entrevistas, serviço e opinião” (Lima, 2009), mas pondera que não tem todas as características de um rádio revista. Uma revista radiofônica é caracterizada também por ser um programa de variedades e “pela multiplicidade de informações com características diferenciadas que apresentam em seus roteiros” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 139). Informação e entretenimento fazem parte de seu conteúdo. Não é o caso do Rádio Livre atualmente. O programa, no período analisado, dedica seu espaço somente a notícias de sindicatos e notícias factuais, além de entrevista e comentários. O entretenimento foi esquecido.

E o que deve ir ao ar em um programa sindical? Apenas as notícias do mundo do trabalho, como greves, aumentos salariais, reivindicações? Cláudia Santiago e Vito Giannotti apresentam uma solução:



A especificidade do jornal sindical está ligada, particularmente, ao fato de que todo artigo, toda notícia deve dizer respeito aos trabalhadores... Isso não significa que o jornal sindical vai tratar apenas de salário ou condições de trabalho. Deve falar de livros, cinema, teatro, música, poesia. Dar dicas sobre locais baratos e gratuitos para o lazer. Precisa ter matérias que dialoguem sobre educação, saúde e meio ambiente. Mas tudo isso com uma definição de classe clara e não escondida. Todos esses assuntos devem ser tratados sob a ótica dos interesses dos trabalhadores, que são o seu público leitor (SANTIAGO & GIANNOTTI, 1997, p. 47).

O programa, em alguns momentos, fica um pouco monótono. Como o Rádio Livre não tem repórter, todas as notícias são lidas pelo apresentador. Assim, na maior parte do tempo tem-se uma única voz. Outro fator que dá sensação de pouco dinamismo é a vinheta do Rádio Livre, ela é o único som que toca entre algumas notícias e é muito longa (16 segundos).

A maior parte do programa é dedicada a entrevistas e comentários. Os comentários são feitos por Nonato Lima e, na quarta-feira, conta também com o comentário do psiquiatra e psicanalista Valton Miranda. O psiquiatra comenta os assuntos políticos. No período analisado, o comentário de Valton Miranda foi ao ar no dia 27/05/2009. Nesse dia, uma coisa chamou atenção: não houve nenhum diálogo entre apresentador e comentarista e, assim, perdeu-se uma grande oportunidade de criar um clima de diálogo no programa. Já as entrevistas são o espaço para os movimentos sociais se manifestarem no programa Rádio Livre.

O objetivo de uma entrevista é fornecer, nas próprias palavras do entrevistado, fatos, razões ou opiniões sobre um determinado assunto, de modo que o ouvinte possa tirar uma conclusão no que diz respeito à validade do que está sendo dito” (MCLEISH, 1999, p.43).

McLeish (1999) também divide a entrevista em três tipos: informativa, interpretativa e emocional. A entrevista informativa busca informar o ouvinte sobre algum assunto. A interpretativa busca, a partir de um fato já noticiado, a opinião ou explicação do entrevistado sobre o assunto. A entrevista emocional busca “dar uma idéia do estado de espírito do entrevistado, de modo que o ouvinte possa entender melhor o que ocorre em termos humanos” (McLeish, 2001: 44). Este tipo de entrevista é utilizado em casos de acidente, por exemplo. Como o próprio Robert McLeish ressalta, uma situação pode envolver dois ou os três tipos de entrevista. No Rádio Livre, as entrevistas situam-se entre informativas e interpretativas.

Já as notícias do Rádio Livre têm o enfoque no “mundo dos trabalhadores”, como define seu apresentador. No entanto, existe uma diversidade das mesmas. Fatos



gerais que acontecem no mundo inteiro também são abordados, como o caso da queda do avião na Air France no Oceano Atlântico, no dia 01/06/2009. Nonato explica com afirmação: “O trabalhador está no mundo. Portanto, tudo que ocorre diz respeito a ele”. Mas será que o trabalhador está disposto a ouvir notícias de que já tomou conhecimento anteriormente, através de outros veículos de comunicação? Um levantamento feito das notícias veiculadas no Rádio Livre revela o seguinte:

	26/05/2009	27/05/2009	28/05/2009	29/05/2009
Número de notícias ligadas diretamente ao mundo do trabalho	04	05	03	06
Números de notícias gerais, factuais	02	10	05	05

Essas notícias gerais, factuais, na maior parte das vezes não apresentam nenhuma diferença em relação ao que outros meios de comunicação noticiaram. Em algumas notícias têm-se os comentários do apresentador e, aí sim, vemos algum diferencial. O espaço dedicado a veicular essas notícias factuais, como podemos perceber acima, não é pequeno. Então, porque o programa não investe no que é realmente diferente? Será que o trabalhador quer ouvir as notícias que ele já tomou conhecimento ontem? Como sugere Cláudia Santiago e Vito Giannotti (1997), porque não investir em notícias de variedades, desde que se tenha um olhar para os interesses do trabalhador. “O leitor do jornal sindical não espera encontrar em suas páginas uma notícia sobre filhote de canguru recém-nascido. Se não, teria comprado o jornal O Globo que, em outubro de 94, escreveu, sobre o assunto” (SANTIAGO & GIANNOTTI, 1997, p. 47).

5. Linguagem

Quando se pensa na linguagem utilizada no radiojornalismo, nos vem a mente logo aquela forma de falar séria, com a voz grave, sem erros. Tudo isso na busca da neutralidade, da imparcialidade jornalística. Esse modelo era o predominante quando o programa Rádio Livre iniciou.



O padrão de ‘sobriedade de locução’ que vigorou então, e que ainda hoje é tido como o ideal em muitas emissoras voltadas para um público de elite, foi buscado, significativamente, como relata FORD (1969:110), na forma contida adotada pelos jornalistas na cobertura de cerimônias fúnebres. No entanto, a contenção ensaiada nunca foi suficiente para dotar a voz humana de uma neutralidade que é, de fato, impossível”(MEDITSCH, 1997, p.04).

Essa não foi a postura adotada pelo Rádio Livre. Nonato Lima, apresentador do programa, disse: “Eu nunca assumi aquele desejo de empostar a voz... eu sempre achei que o rádio é um lugar que você pode conversar com as pessoas, você senta lá e conversa. Desde que as pessoas entendam o que você está dizendo”.

O Rádio Livre tem como características o amplo espaço destinado a entrevistas e opiniões. Tudo isso permite um maior clima de conversa, de diálogo com o ouvinte. Nas entrevistas o apresentador do programa não faz apenas perguntas, mas também apresenta a sua visão, suas impressões, sobre o que está sendo discutido. Ao contrário do que sugere McLeish (1999, p. 43), que diz: “A função do entrevistador não é debater, concordar ou discordar; nem tampouco comentar as respostas obtidas. Ele está ali para fazer perguntas”. Mas, o fato do entrevistador dialogar com o entrevistado, cria um clima mais agradável de conversa, como o proposto por Cremilda Medina em seu livro “Entrevista: o diálogo possível”. Talvez na Inglaterra de Robert McLeish, a entrevista mais distante, com um entrevistador “invisível”, seja o melhor para o público. Mas isso não combina com o Brasil, onde a população gosta mesmo é de uma boa conversa. E o fato do Rádio Livre privilegiar as entrevistas, normalmente duas por programa, também aumenta a diversidade de vozes e opiniões no programa. Como diz Eduardo Meditsch (1997, p. 08): “Os novos meios tecnológicos provocaram uma abertura da programação para uma larga gama de vozes e de discursos, expondo, por contraste, a artificialidade da anterior fala amarrada ao texto”.

Os assuntos ligados aos trabalhadores sempre tem espaço para entrevistas no Rádio Livre. Representantes de sindicatos sempre são convidados para falar sobre as atividades das suas entidades, ou das lutas da classe trabalhadora que representam. E o que deveria ser o momento para estabelecer um primeiro contato com trabalhadores que não fazem parte do movimento sindical, torna-se um grande problema. É que nesse momento entra em campo um novo dialeto, muito difícil de ser entendido pelos que não o conhecem: o “sindicalês”.

A comunicação sindical, para transmitir o que pretende transmitir, precisa, antes de tudo, ser entendida. Ou seja, fala-se e escreve-se de forma que o ouvinte



compreenda a mensagem ou simplesmente perde-se tempo e dinheiro... Colocar no ar um programa no qual um dirigente sindical usa, a cada três palavras, idéias como ‘questão de gênero’, ‘correlação de forças ou ‘disputa hegemônica’, é limitar seu público ouvinte a um restrito círculo de iniciados” (Santiago & Giannotti, 1997, p. 59).

Vamos agora transcrever um trecho de uma entrevista com o presidente da CUT/Ceará, Jerônimo Nascimento, no dia 29/09/2009. Aqui destacamos alguns exemplos do “sindicalês”:

Nonato Lima - O 11º Congresso estadual da CUT (Central Única dos Trabalhadores) do Ceará reconduziu à presidência da CUT Jerônimo Nascimento. O Congresso contou com a participação de 700 pessoas, delegados de sindicatos de todo o estado, e discutiu estratégias de atuação da CUT/Ceará para o próximo período. O tema central dos debates foi o desenvolvimento, com trabalho, renda e direitos. Vamos falar agora com o presidente da CUT, Jerônimo Nascimento. Bom dia Jerônimo.

Jerônimo Nascimento - Bom dia Nonato, bom dia ouvintes.

Nonato – Parabéns pela sua reeleição para a presidência da CUT. Gostaria de saber, Jerônimo, se o movimento sindical ligado à CUT sai fortalecido desse Congresso.

Jerônimo – Com certeza saímos fortalecidos, pois a quantidade de participantes do Congresso, por si só, já demonstra o crescimento da CUT, já demonstra a fortaleza que é a CUT/Ceará. Mas, tudo isso, acontecendo por conta de que temos entidades sindicais fortalecidas, temos sindicatos que tem a compreensão de que a CUT, nos seus 25 anos, continua sendo a *estratégia política de organizar* as mais diversas categorias. Portanto, a quantidade de delegados aptos a participar, em torno de 750, a quantidade de delegados que se inscreveram, que vieram, mesmo com o problema da crise econômica, no problema das enchentes, das chuvas, das pontes caídas, das estradas quebradas, por si só já demonstra que estamos num bom momento e que realmente o nosso Congresso foi um sucesso. Também pelos debates que foram feitos, pelo balanço que foi feito da CUT/Ceará, o *debate da conjuntura* que fizemos no plenário com o companheiro Clemente, que veio de São Paulo, é o coordenador nacional do DIEESE. E também o *plano de lutas* que aponta aí para, cada vez mais, nós termos uma grande campanha de filiação de novos sindicatos, de fortalecer os sindicatos já criados, a descentralização da CUT com a criação de regionais no interior do estado, para levar a CUT mais próxima das entidades sindicais. A *luta pela implementação* das convenções 151, a 158, a *manutenção da luta* em defesa do veto presidencial à emenda 3. E agora, mais recente, a grande luta para que os trabalhadores não paguem pela crise. Portanto, como também o nosso apoio, a nossa mobilização, em defesa da Petrobrás. Portanto, foram muitos assuntos debatidos e aí creio, Nonato e ouvintes, que o congresso veio dar resposta aquilo que nós precisamos que é *armar* os trabalhadores para continuar na *trincheira da luta* na defesa dos seus direitos.

Nonato – Você diz armar no sentido de preparação mesmo [pausa] política de mobilização.



Jerônimo – Com certeza, no sentido de que os trabalhadores tenham na ponta do papel quais são as ações que nós vamos estar realizando nesses próximos anos...

O uso dessas expressões do “sindicalês”, que estão em itálico, prejudica bastante o diálogo com o ouvinte que não está acostumado com a linguagem sindical. E nesse momento, o programa pode perder uma parte interessante do público, que poderia entrar em contato com as idéias dos sindicatos.

Em relação aos comentários feitos por Nonato Lima, percebe-se que sua característica principal é a ironia. Por exemplo, ao receber um prêmio do Sindicato dos Petroleiros devido à cobertura do Programa Rádio Livre sobre a greve destes profissionais no ano de 1995, ele demonstrou o seu jeito de fazer comentários.

Na época, culpava-se a greve pela falta de gás na cidade, mas o que ocorria na verdade é que especuladores estavam armazenando o gás. E, segundo Nonato Lima, o Rádio Livre foi o único programa que fazia esse alerta. Ao receber o prêmio, Lima disse: “O programa Rádio Livre ganhou o troféu porque foi o único programa, do rádio de Fortaleza, que não faltou gás”. Outro exemplo foi comentário feito por Nonato no programa do dia 27 de maio, sobre os parlamentares que recebiam o auxílio-moradia de forma irregular.

Os senadores sem-teto são quarenta e dois. Que recebem um benefíciozinho de três mil e oitocentos reais como auxílio moradia. Para alugar um barraco [pausa], um lugarzinho, um cantinho, para exercer a representação em Brasília [risos contidos] (Programa Rádio Livre, 27/05/2009).

6. Proposta

Nenhuma emissora de rádio – e portanto nenhum produtor – existe num vácuo. Elas pertencem a um contexto de conexões, úteis e necessárias, que também representam uma fonte de pressão potencial. Isso pode inibir um compromisso sincero com o ideal de serviço ao público (MCLEISH, 1999, p.23).

Nonato afirma que no início do projeto um líder sindical disse ser o Rádio Livre inviável por conta das muitas correntes sindicais. Na época, Nonato respondeu dizendo que daria certo porque a idéia era justamente promover o diálogo entre os trabalhadores, inclusive com as suas divergências. Ideal que permanece até hoje. “Nossa proposta não é engessar os sindicatos. É associar os sindicatos para desenvolver uma política de comunicação resultante desse embate”.



Entretanto, Nonato Lima afirma que o programa não é amarrado a essa política e por isso não divulgam apenas notícias referentes ao movimento sindical - mesmo sendo essa a prioridade - mas informações do mundo todo. “A idéia é dar voz não só aos sindicatos. Temos a convicção de que o trabalhador está no mundo e estando no mundo tudo que acontece tem a ver com ele”, afirma. Essa é a proposta do programa: notícias relacionadas ao âmbito do trabalho, o que é uma proposta profissional e ao mesmo tempo política.

A seleção de notícias é sempre um ponto-chave para se compreender um programa jornalístico. Têm-se os conhecidos “critérios jornalísticos”, que levam em conta “importância, interesse, abrangência, impacto, atualidade, consequência, proximidade, honestidade, exatidão, identificação, ineditismo, oportunidade etc.” (ORTRIWANO, 1985, p105). Porém, deve-se procurar os critérios que vem antes dos propriamente jornalísticos: “A notícia sofre uma série de triagens, em que os critérios de seleção reais estão voltados em primeiro lugar para os aspectos jurídicos, políticos e econômicos” (ORTRIWANO, 1985, p105). Só depois disso as notícias são submetidas aos “critérios jornalísticos”. O programa Rádio Livre deixa sua forma de selecionar notícias bem clara: apesar de ter notícias mais gerais, relacionadas ao que acontece no dia-a-dia, a prioridade são as notícias relacionadas aos sindicatos e ao mundo do trabalho.

O programa também busca ser um contraponto ao pensamento da mídia tradicional. Um exemplo foi a cobertura do Rádio Livre sobre a CPI da Petrobrás. Enquanto a grande imprensa divulgava o pensamento de políticos, jornalistas e diretores da estatal, o programa Rádio Livre abriu seus microfones para ouvir pessoas que fazem o dia-a-dia da empresa: os trabalhadores. Representantes dos sindicatos dos petroleiros apresentavam sua visão sobre o assunto e acreditavam existir um processo de privatização da empresa.

7. Considerações Finais

Durante a presente análise, percebeu-se que em relação às notícias gerais, aquelas que não se referem ao movimento sindical, o programa não tem condições de concorrer com a agilidade dos grandes veículos de comunicação por suas condições financeiras e pela equipe reduzida. Então, por que insistir em dar notícias que as pessoas já tiveram a oportunidade de ler, ver ou ouvir em outros veículos, sem apresentar um



diferencial a mais? A originalidade do formato só ocorre com algumas notícias sobre as quais Nonato Lima apresenta a sua opinião. E o restante? Por que não apostar em algo que realmente faça a diferença, que possa atrair a atenção do ouvinte? É possível dar notícias que não sejam somente as factuais. Ou então, aprofundar as notícias ou dar um enfoque diferente do que foi apresentado pela grande mídia.

A linguagem utilizada no programa também precisa ser repensada. No que se refere ao apresentador, o Rádio Livre tem um aspecto positivo, já que Nonato Lima possui uma maneira natural e por isso bastante original de narrar e apresentar. Entretanto, alguns entrevistados, por serem representantes de sindicatos, utilizam uma linguagem quase técnica do movimento que integram: o “sindicalês”. Sendo assim, seria interessante que a equipe do programa preparasse esses participantes anteriormente para que utilizassem uma linguagem mais simples e, conseqüentemente, o entendimento do público fosse melhor. Acreditamos que o Rádio Livre não chega somente aos sindicalistas, mas ao grande público e, por isso, programa não deve fechar-se em si mesmo.

O programa Rádio Livre, pelo menos no período analisado, cumpriu com os objetivos a que se propõe. As notícias relacionadas aos trabalhadores e sindicatos têm seu espaço mantido. Assim, o programa se transforma em um contraponto das notícias da grande mídia. Ele assume sua parcialidade em prol da classe trabalhadora. Isso atinge frontalmente aquela idéia da imparcialidade jornalística que não é cumprida na prática por nenhum meio de comunicação. Todos nós somos influenciados por nossas vivências, preferências e ideologias. A diferença é que o Rádio Livre assume abertamente sua linha editorial.

Referências Bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

LIMA, Nonato. Apresentador e produtor do programa Rádio Livre. Entrevista concedida no dia 16/06/2009.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus Editorial, 2001.

MEDITSCH, E. B. V. **A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico**. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.pdf>. Acesso em 17/06/2009.



MEDITSCH, E. B. V. **Sete meias-verdades e um lamentável engano**. Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra em 9 de Novembro de 1995. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-meias-verdades.html>. Acesso em 20/06/2009.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

ORTRIWANO, G. S. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SANTIAGO, Cláudia & GIANNOTTI, Vito. **Comunicação Sindical: Falando para Milhões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

ZUCULOTO, Valci. **A notícia no radiojornalismo brasileiro: transformações históricas e técnicas**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUCRS. Porto Alegre, 1998.

ZUCULOTO, Valci. **As tendências do rádio na globalização e sob o impacto das novas tecnologias: a experiência da Rede Universitária de Rádio como exemplo de busca de espaço e função**. Trabalho apresentado no XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Londrina, 1996.